



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na
cerimônia de posse dos ministros de Estado da Saúde, das
Comunicações e de Minas e Energia**

Palácio do Planalto, 8 de julho de 2005

Meu querido companheiro José Alencar, vice-presidente da República e
ministro da Defesa,

Meu caro senador Renan Calheiros, presidente do Senado Federal,
Ministra Ellen Gracie, presidente em exercício do Supremo Tribunal
Federal,

Senhor Saraiva Felipe, ministro de Estado da Saúde,

Senhor Silas Rondeau, ministro de Estado de Minas e Energia,

Senhor Hélio Costa, ministro de Estado das Comunicações,

Senhores ministros,

Companheiro Humberto Costa,

Companheiro Eunício,

E nosso companheiro Tolmasquim,

Funcionários dos Ministérios da Saúde, de Minas e Energia e das
Comunicações,

Senadores e deputados aqui presentes,

Ministros de Estado,

Familiares dos ministros que saem e dos ministros que entram,

Bom, primeiro dizer para vocês da mistura de alegria de estar
empossando três novos ministros e da tristeza de ter que tirar três
companheiros para poder ter a alegria de colocar três novos.

Eu queria, primeiro, me dirigir ao companheiro Eunício, e dizer que foi
grata e extraordinária a presença dele no governo. O Eunício, que eu conheci,



pela primeira vez, não só por ser genro do Paes de Andrade, mas porque, na campanha de 2002, o companheiro teve um papel excepcional no comando da bancada do PMDB e, sobretudo, de uma parte importante da bancada do PMDB que, sistematicamente, votava com o governo. Esse companheiro, que foi convidado por mim para ser ministro das Comunicações, aceitou. E eu penso que poucas vezes, na história, um ministro das Comunicações se dedicou da forma que o companheiro Eunício se dedicou.

Acontece que eu estabeleci um critério para concluir a reforma ministerial, e eu pretendo fazê-la até terça-feira pela manhã: é de que os companheiros e as companheiras que estão no governo, que serão candidatos a alguma coisa nas próximas eleições, eu entendi que seria melhor deixarem o governo agora do que deixar o governo no mês de março ou abril do próximo ano. Eu teria que atravessar 2005 com um governo praticamente provisório, porque, faltando seis meses para terminar o mandato, ou seja, corremos o risco das melhores pessoas do país estarem concorrendo a algum cargo e você ter que montar o governo, eu diria, não na dimensão que o país precisa, para o seu Ministério.

Por tudo isso, companheiro Eunício, eu quero te agradecer. Agradecer o trabalho extraordinário que você fez, a lealdade, o companheirismo que nunca faltou entre nós em nenhum momento. E, certamente, eu sei que você é um homem de grandes pretensões eleitorais, afinal de contas, como todo bom cearense – e eu estou vendo outros aqui. Eu só posso desejar para você toda a sorte do mundo. Eu sei que na Câmara você vai voltar a fazer o trabalho que sempre fez: defender o estado do Ceará, defender o país, defender as coisas boas que o governo mandar para o Congresso Nacional, trabalhar com a bancada do PMDB. O PMDB é um partido grande, um partido importante no Brasil, mas que está conseguindo a proeza de ter tantas tendências quanto o meu PT, e vai precisar de todos os quadros bons, lá, para trabalhar de forma conjunta.



Por isso, meus agradecimentos, querido. Saiba que entre nós nasceu uma amizade, e eu diria que será muito duradoura, porque o grau de companheirismo que mantivemos nesse período todo deu demonstrações do teu caráter, da tua firmeza, da tua lealdade e da tua dedicação ao trabalho.

Para o lugar do companheiro Eunício, eu chamei outro companheiro do PMDB, o senador Hélio Costa. O Hélio Costa, todo mundo conhece, antes de ser senador, antes de ser candidato a governador de Minas Gerais. Todos nós, em algum momento, pelo menos os mais velhos, já tínhamos visto em algum momento o Hélio Costa fazer alguma reportagem na Rede Globo de Televisão.

O Hélio foi um jornalista que entrou na política e deu certo, porque muitos outros tentaram, não é Hélio? Teve muita gente que tentou, mas muitas vezes o povo é sábio. Nem sempre a pessoa aparecer na televisão dá à pessoa o direito de ganhar uma eleição. Precisa aparecer muito, e ter um pouco de conteúdo quando aparece, passar para o povo algumas verdades que o povo exige tanto das pessoas. E eu acho que, para substituir o companheiro Eunício, nós não poderíamos ter no parlamento brasileiro e nos partidos brasileiros alguém do gabarito, da competência que tem o nosso querido senador Hélio Costa, a partir de agora, Ministro de Estado das Comunicações. Meus parabéns, Hélio, e boa sorte para você.

Meu companheiro Humberto Costa. Bem, para quem não sabe, o Humberto, nós temos uma relação política desde a fundação do nosso partido. Nem sempre bicamos a mesma fruta, porque o Humberto, muito astuto, muito inteligente, no começo do PT pertencia a correntes que não eram a minha. Mas o Humberto se notabilizou pela sua capacidade profissional, pelo médico competente que é, pela sua capacidade de articulação política, pelo trabalho excepcional que fez à frente da Secretaria da Prefeitura de Recife, já no governo João Paulo, e por isso eu o convidei para ser Ministro da Saúde.

Eu sempre digo que não é a pressa ou a ansiedade que vai mostrar o que um ser humano faz na sua passagem pela Terra. Aliás, a história está



cheia de exemplos de pessoas que foram massacradas em vida e reconhecidas como heróis depois que não existiam mais. O Brasil está cheio de exemplo de pessoas que foram execradas quando estavam exercendo a sua função no governo e, depois que deixaram o governo, essas pessoas foram guindadas a patamares que só grandes homens chegam.

E o companheiro Humberto Costa vai ser medido pelo que ele fez no Ministério da Saúde nesses trinta meses de governo. Não apenas pela quantidade de aumento de agente de saúde bucal, de aumento de médico de família, mas pelas inovações na política de saúde implantada no Brasil, dentre as quais eu me orgulho de duas, fundamentalmente: primeiro, a questão da saúde bucal. Eu disse ao Humberto, logo que ganhamos as eleições, que o Brasil era um país que tratava o povo com uma perversidade tão grande, que qualquer brasileiro fazia convênio com qualquer plano médico e eles tratariam até de uma unha encravada. Mas a boca, por onde entra metade das doenças ou muito mais, no Brasil nunca foi tratada como uma questão de saúde pública.

E aí eu me lembrava, presidente Sarney, de uma coisa. É que dor de dente dá mais em pobre do que em rico. Cárie dá mais em pobre do que em rico. Porque os ricos podem ir ao dentista e pagar, e se cuidar, mas o pobre, quem vive neste mundo, quem frequenta a periferia deste país, quem frequenta o Norte e o Nordeste do país, e o Saraiva deve conhecer isso muito bem, sabe quantas crianças de 17, 18 anos já não têm mais o direito de sorrir, porque já perderam muitos dentes na sua vida.

E já inauguramos algumas centenas deles, e temos o compromisso de, até dezembro de 2006, Saraiva, inaugurar 400 centros de saúde bucal. O primeiro foi inaugurado em Sobral, na terra do Ciro Gomes. Cada centro desses vai atender um conjunto de cidades de uma população de aproximadamente 500 mil pessoas. Espero que nunca esteja, toda ela, precisando de dentista. Mas, se estiver, vai ter dentista, com horário marcado, com tratamento de primeira qualidade. E, mais ainda: daqui a alguns anos



nenhum político vai se dar ao luxo de distribuir dentaduras como se fazia historicamente neste país. O pessoal vai ao dentista, vai fazer o molde direitinho, vai testar, se não servir vai fazer outro. Não vai pegar qualquer um e pôr na boca, e sair com uma daquelas dentaduras que a pessoa não pode dar um sorriso, que cai.

Eu acho que esse é um projeto revolucionário na saúde brasileira. Custa caro, custa muito caro. E, possivelmente, porque custa caro, algumas pessoas entenderam que não se deveria fazer para o Brasil. E eu não vejo esse gasto como gasto, eu vejo esse gasto como investimento. Uma parte da população que não pode ir para Nova Iorque para fazer um tratamento melhor, que não pode ir para a Alemanha, que não pode ir para a França, e que não pode ir para o centro da sua capital, porque para fazer uma simples obturação, às vezes, vale mais do que aquilo que a pessoa ganha. Esse é um Programa, Saraiva, que nós vamos tratar como se fosse o nosso filho caçula, com todo carinho, mas muito carinho, para que a gente possa concluí-lo.

O outro é a Farmácia Popular. A Farmácia Popular, que é um desejo de fazer com que não apenas algumas farmácias, 300 ou 400, mas que a gente consiga fazer com que o remédio não seja um privilégio de quem tem dinheiro, mas que seja uma necessidade de quem precisa daquele remédio. Afinal de contas, eu não conheço ninguém que toma remédio porque gosta. As pessoas só tomam porque são obrigadas a tomar.

E, no Brasil, tanto o Humberto como o Saraiva sabem perfeitamente bem que não são poucos os milhões de brasileiros que iam ao médico, pegavam a receita, levavam para casa, colocavam dentro de uma prateleira, ou na gaveta do criado-mudo e morriam, porque nunca tinham o dinheiro para comprar o remédio.

Nós vamos ter que trabalhar de forma muito forte para transformar o remédio em mais barato. Nós estamos trabalhando com a idéia, já tem um decreto do próprio Ministério, que eu tenho interesse de transformar em lei,



fazendo com que as farmácias vendam remédios avulsos. Eu, se quero tomar um Melhoral, não sou obrigado a comprar 10, eu quero comprar um, é um que eu quero tomar, eu quero tomar um comprimido, tem que ser um, não pode atender aos interesses apenas de quem produz e cada um de nós ter, dentro da nossa casa, uma verdadeira farmácia ambulante, que levanta de noite, com dor de cabeça, vai lá, acha uma cesta cheia de remédio, que a gente nem sabe se está vencido ou não e vai tomando qualquer um.

Ou seja, as pessoas precisam... Quando alguém quer ir a um bar tomar um aperitivo, ele não chega lá e pega uma garrafa de cachaça e toma toda. Ele vai pedindo uma por uma. Então, o remédio tem que ser assim. Por que ele tem que comprar todos de uma vez? Compre um por um, daquilo que ele quer comprar, apenas a quantidade certa. Então, é uma coisa que nós vamos precisar fazer.

Bem, as coisas boas, outras coisas boas que estão acontecendo, o Humberto, certamente, falará no seu discurso e passará para o ministro Saraiva. Uma coisa importante, Saraiva, que nós vamos ter que fazer no Brasil, o Ministério já começou, é a questão do planejamento familiar. Nós precisamos quebrar alguns tabus que são históricos, neste país.

A classe média já resolveu o seu problema. A classe média já resolveu. A classe média casa e, com todo o cuidado, arruma o primeiro filho; se a situação melhora, arruma o segundo, e pára por aí. O terceiro já é um acidente. O terceiro já é uma coisa que não se queria. Por quê? Porque tem consciência que só pode ter um número de filhos que pode criar.

Minha mãe teve 12. Oito sobreviveram, quatro morreram. E ela dizia: “a gente só pode ter quando a gente pode criar”. Mas criar naquele tempo era diferente de criar hoje. Hoje nós temos uma situação muito grave, ou seja, embora o crescimento demográfico no nosso país tenha crescido, a taxa de natalidade tenha diminuído muito... O dado concreto é que nós precisamos orientar decentemente e adequadamente as mulheres e os homens deste país,



para que não precisem ter um filho cada vez que mantêm uma relação, que podem se cuidar. E, aí, eu acho que é um problema de Estado brasileiro fazer isso, como política pública do Estado. É uma coisa extremamente importante e, certamente, nós vamos fazer.

Uma outra coisa que eu sonho – o Humberto até fez uma passeata esses dias no Parque da Cidade – uma outra coisa que eu sonho, estou vendo aqui algumas pessoas da minha idade, alguns sessentões, eu vou fazer sessenta ainda em outubro. Quem não me deu presente, pode começar a se preparar para comprar. Mas a verdade é que as pessoas vão chegando a uma certa idade, as pessoas levantam de manhã, vão tomar café e colocam um tanto de comprimido na boca antes do café, é comprimido para isso, comprimido para aquilo, não é isso Humberto, e depois se queixam. Normalmente, os aposentados: “puxa vida, o que eu ganho não dá para comprar remédio”. Está certo que se ganha pouco no Brasil, mas não é só que se ganha pouco, é que se precisa tomar muito remédio.

E eu estou convencido de que nós precisamos convencer a sociedade brasileira a se exercitar, a fazer algum tipo de exercício, a andar, a correr, a dançar. Eu tiro pela minha experiência, eu sou um jovem que levanta todos os dias às 6h30 da manhã, ando de 50 minutos a uma hora todos os dias – Arlindo você que é médico, tem que saber disso. Conheço pessoas que fazem isso, tinham a pressão 16X9, 16X10, 17X10 e, quando começam a andar sistematicamente, as pessoas passam a ter a pressão regulada. Ao invés de tomar um comprimido, pode tomar uma tacinha de vinho, não tem nenhum problema. Ao invés de ficar vendo televisão, vendo notícia ruim, vai andar um pouco. Se tiver marido e mulher, vão de bracinho dado, namorando. Vai ser tudo muito mais prazeroso se a gente tiver um processo de educação. E eu acho que nós vamos ter que fazer isso via governo e via saúde pública, que já começou com o lançamento, no Parque da Cidade, aqui, do primeiro movimento.



Por isso, meu querido Saraiva, eu quero, ao mesmo tempo agradecer ao nosso companheiro Humberto Costa pelos trinta meses de dedicação, de trabalho imenso, com uma equipe extraordinária... Mas também o Humberto tem pretensões eleitorais, pensa que ele trabalhou muito, porque ele tem futuro... Eu quero agradecer, Humberto, de coração, vamos continuar juntos em muitas coisas neste país. Se não estivermos juntos, no mesmo espaço físico, pode ficar certo que, espiritualmente, as nossas almas estarão juntas, os nossos ideais, e vamos continuar brigando.

E a você, Saraiva, que é um homem experiente, que conhece muito a questão da saúde no Brasil, eu quero dizer que desejo a você toda a sorte do mundo. Eu sei que você já teve cargo importante, já foi Secretário Estadual, já foi Secretário em ministérios por aí, mas eu penso que ser ministro e presidente da República é um sonho que todo mundo tem, mais ou menos. Então, o primeiro vai chegar agora, que é ser Ministro de Estado da Saúde, para colocar em prática grande parte das coisas que a vida inteira você lutou para que acontecessem. E você tem uma tarefa mais importante ainda, que é ajudar a dar uma ordenada no nosso querido PMDB, você sabe dessa tarefa importante. Para você, toda a sorte do mundo, querido, e que você possa...

Bem, eu não sei se falo da Dilma ou falo do Tolmasquim. Porque o Tolmasquim ficou tão pouco tempo no Ministério... Mas vejam, o companheiro Silas é um técnico de carreira, todo mundo conhece a competência do nosso sistema de energia, a capacidade das empresas, sobretudo, as empresas como Eletrobrás, como Eletronorte, como Furnas, como Chesf, ou seja, são todas empresas de muita competência. E o Silas, durante trinta anos, tem se dedicado a esse trabalho, formado dentro da empresa, trabalhando. E quando a Dilma assumiu o Ministério, convocou o Silas para ser presidente da Eletrobrás. Primeiro da Eletronorte, depois da Eletrobrás.

E quando eu convidei a Dilma para a Casa Civil, eu disse para a Dilma: "Dilma, nós vamos precisar utilizar um companheiro de dentro da própria



empresa”. A Dilma falou: “Olha, eu acho que pode ser o Silas, que é um homem que eu aprendi a conhecer, aprendi a gostar, aprendi a confiar, conheço a sua competência técnica. Mas antes vamos arrumar um jeito de discutir com ele um pouco melhor, discutir com o PMDB um pouco melhor”. E colocamos o Tolmasquim. O Tolmasquim é um companheiro que não é grande só no tamanho. Esse companheiro trabalhou comigo muitos anos no Instituto de Cidadania, era um dos meus assessores. Quando eu fazia meus programas de governo, ele ajudou a fazer uns três, e ele foi um companheiro de linha de frente na administração da companheira Dilma. E eu quero, Tolmasquim, te agradecer por essa dedicação antes de ser ministro, como ministro-interino.

Mas quero, sobretudo, Dilma, te agradecer, porque no Brasil não era habitual imaginar uma mulher no Ministério de Minas e Energia. Era habitual assim, mulher vai cuidar de ação social, mulher vai cuidar de algumas tarefas que o homem não gosta muito de fazer. Pois bem, eu tive o prazer de conhecer a Dilma, não porque ela foi secretária do governo Olívio Dutra, no Rio Grande do Sul, porque quando eu ia lá não havia... Mas, numa reunião do Tolmasquim, do Pinguelli Rosa e de um monte de gente que me ajudava a produzir o programa energético para o Brasil, eis que um dia chega uma gaúcha com jeito de mineira, com esse rosto delicado, com um computador embaixo da mão e começou a falar mais forte que os homens. Depois de duas reuniões, eu falei: Tá aí! Achei minha Ministra de Minas e Energia.

Eu quero, Dilma, te agradecer. Agradecer, porque eu acho que você significa, para as mulheres brasileiras, a definição de que as mulheres podem ir muito mais longe, em qualquer atividade que elas quiserem se meter. Somente, enquanto eu for Presidente, por favor, não queiram ser candidatas. Mas eu acho que é a demonstração mais viva disso, Dilma. E, agora, na Casa Civil, a sua tarefa, vai precisar de outro tipo de energia. E eu não tenho dúvida que você vai ser tão competente quanto você foi no Ministério de Minas e Energia.

E, Silas, eu quero te dizer que você não entra no Ministério por ser meu



amigo, porque te conheço há pouco tempo, tenho te visto *en passant* – eu vou para a França, você viu o *en passant* aqui, não é, Sarney? Eu me encontrei com o Silas umas três, quatro vezes, em atos em que nós participamos. E você está sendo indicado, Silas, não só porque é uma vontade dos companheiros do PMDB, porque o PMDB poderia indicar 300 nomes e poderia não ser você. Você está sendo indicado porque quis Deus e a natureza que, mesmo quando a gente não quer, a vida humana é uma disputa cotidiana. Nós temos que provar, todo dia, que nós somos capazes de fazer alguma coisa melhor do que fizemos.

E, portanto, você está sendo guindado ao posto de Ministro não pela minha amizade ou pela tua amizade com o presidente Sarney, com o presidente Renan, mas você está sendo guindado pela tua competência profissional para exercer o cargo de Ministro das Minas e Energia. Espero que você tenha toda a sorte do mundo nessa nova empreitada que você começa a partir de hoje.

Por último, apenas fazer dois comunicados. Eu hoje conversei com o ministro Ricardo Berzoini, que também é candidato, candidatíssimo, e convidei o meu companheiro Luiz Marinho para ser ministro do Trabalho, e o Marinho será o novo ministro do Trabalho.

E, por último, dizer para vocês que eu pretendo fazer algumas mudanças, já conversei com todas as pessoas que eu tinha que conversar. Possivelmente na segunda-feira ou na terça-feira de manhã eu irei consolidar as mudanças que eu preciso fazer, de todos os companheiros que são candidatos ou a deputados, ou a governadores, ou a senadores, em 2006, não poderão continuar como ministros, todo mundo sabe disso. Conversei isso com os ministros que entraram, conversei isso com os ministros que saíram.

Portanto, quem não tiver pretensões eleitorais... Eu não acho ruim que tenha pretensão, não. Eu acho ótimo que as pessoas queiram ser candidatos a alguma coisa. Só que o governo não pode ficar na pendência de chegar no



mês de abril e alguém comunicar ao Presidente: “Olha, Presidente, muito obrigado, mas eu tenho que ir embora porque eu vou ser candidato”. Aí não dá. Então, temos que fazer o jogo certo, agora, e eu pretendo, até terça-feira, consolidar esse processo.

Mas queria dizer uma coisa, aqui, que entre nós tem o companheiro Luiz Gushiken, que eu já ouvi notícia que o Gushiken vai sair, que o Gushiken será substituído. Então, eu quero dizer aqui, para todo mundo ouvir: o companheiro Gushiken continuará dirigindo a Secom. A não ser que em algum momento ele fale: “Você quer, mas eu não quero, então, vou embora”. Aí, eu não posso segurar na marra. Mas eu acho que o companheiro Gushiken cuida bem não apenas da Secretaria de Comunicação, mas do Núcleo de Assuntos Estratégicos, que é uma coisa extremamente importante. Estou dizendo isso para acabar com os boatos. Ele só sairá por vontade dele, porque eu acho que nós não poderemos, a qualquer insinuação contra qualquer companheiro, *a priori*, achar que as pessoas são culpadas. Primeiro, quem fizer acusações precisa provar as acusações, porque senão as ilações tomarão conta da política nacional, e eu acho que nós precisamos tratar esses assuntos com carinho.

Todas as coisas serão investigadas no seu momento certo, com o cuidado certo, com o critério certo. Por isso que eu nasci contra a pena de morte. Se eu nasci contra a pena de morte, por que é que eu vou ser favorável à pena de morte na política, ou por qualquer coisa eu já tirar uma pessoa antes das pessoas poderem provar a verdade e a mais absoluta verdade que, no fundo, no fundo, é o que interessa ao povo brasileiro, e que interessa, sobretudo, à nossa consciência?

Portanto, meus companheiros que deixaram, boa sorte, sabem que estaremos juntos em algum lugar. Não sei se em algum palanque, mas estaremos juntos em algum lugar. Os que estão ficando, assumindo, boa sorte, porque certamente teremos muita coisa para fazer nesses próximos, eu diria,



quantos, 16 meses, 14 meses, que nós temos pela frente.

Muito obrigado, Humberto, Eunício. Muito obrigado, companheiro Tolmasquim. Obrigada, companheira Dilma, que vai ficar. E que Deus abençoe os companheiros que estão entrando agora. Até outro dia.